

OS IRMÃOS OLAIO

O basquete de Franca tem uma longa tradição em jogadores que são irmãos. Desde os mais conhecidos, como os irmãos Garcia (Hélio Rubens, Totô e Fransérgio), os famosos “irmãos metralha” dos tempos iniciais do Clube dos Bagres, também os irmãos Carraro & Carrarinho, Anginho & Fausto Gianechini, até os mais recentes, como Alexey e Adyel Borges, Lucas e Nathan Mariano, são muitos os brothers que pisaram juntos o ginásio do Clube dos Bagres e depois o “Pedrocón” como diz o craque do time David Jackson, o DJ. Claro, depois vieram novas gerações como o filho de Hélio Rubens (Helinho), do Fausto (Ricardo), do Edson Ferraciu (Demétrius), do Edu Mineiro (Léo Abreu), do Chuí (Cauê Borges) e outros.

Naqueles anos iniciais da vitoriosa trajetória do basquete francano, os anos 1960 do Clube dos Bagres, dois irmãos também se destacaram não apenas pela qualidade do seu basquete: os irmãos Milton e José Luiz Olaio, que vieram de São Carlos para se juntar ao time do Clube dos Bagres montado pelo professor Pedro Morilla Fuentes, o Pedrocá. Havia momentos nos jogos em que o time só tinha irmãos – os três Garcia e os dois Olaio.

Os Olaio eram altos, fortes, bonitões, bons jogadores, logo conquistaram também o coração das meninas francanas. Não para menos, Milton começou a namorar a então miss Franca Leisa Ribeiro de Carvalho e se casou com ela, levando-a quando se transferiu daqui para jogar noutros times. Natural de São Gotardo/MG, Leisa estudava na Faculdade de Filosofia de Franca quando foi candidata e venceu o concurso de Miss Franca. Recém-formada professora, durante dois anos trabalhou para o Mensageiro de Santa Rita, tradicional revista católica local, onde traduzia textos e artigos em latim, italiano, francês, espanhol. A arrecadação da revista servia para manutenção de seminários que preparavam futuros padres e era conduzida pelo Frei Custódio, a quem apelidaram “Frei Facadinha” por buscar recursos com propaganda nas empresas locais.

Ao encerrar a vitoriosa carreira (foi vice-campeão mundial pela seleção brasileira de basquete na Iugoslávia em 1970) e deixar as quadras, Milton carregou em definitivo Leisa para longe de Franca, uma das misses e musas da AEC naqueles tempos do rockabilly, da brilhantina nos cabelos, da Lambretta e dos bailes com a orquestra Laércio de Franca na sede modernista novinha em folha da AEC.

Além de atleta, Milton era engenheiro químico e trabalhou na Metalúrgica Dedini. Sua morte precoce aos 58 anos em 2000 obrigou a professora Leisa a assumir os negócios da família (Casa Olaio), tornando-se reconhecida como empresária no comércio de São Carlos. Após a morte, seu nome batizou o Ginásio Municipal de Esportes “Milton Olaio Filho” em São Carlos e quando foi inaugurado durante a gestão do prefeito Newton Lima (PT), seus antigos companheiros do Clube dos Bagres estiveram lá para homenageá-lo.

Seu irmão Zé Olaio (José Luiz Olaio Neto) transferiu-se para o time de São José dos Campos, onde continuou a jogar até o final da carreira no início dos anos 1970 como referência no garrafão do Tênis Clube, nosso tradicional adversário. Zé Luiz vive até hoje na cidade do Vale do Paraíba, mas a passagem dos dois faz parte da história do basquete francano.

Mauro Ferreira é arquiteto.